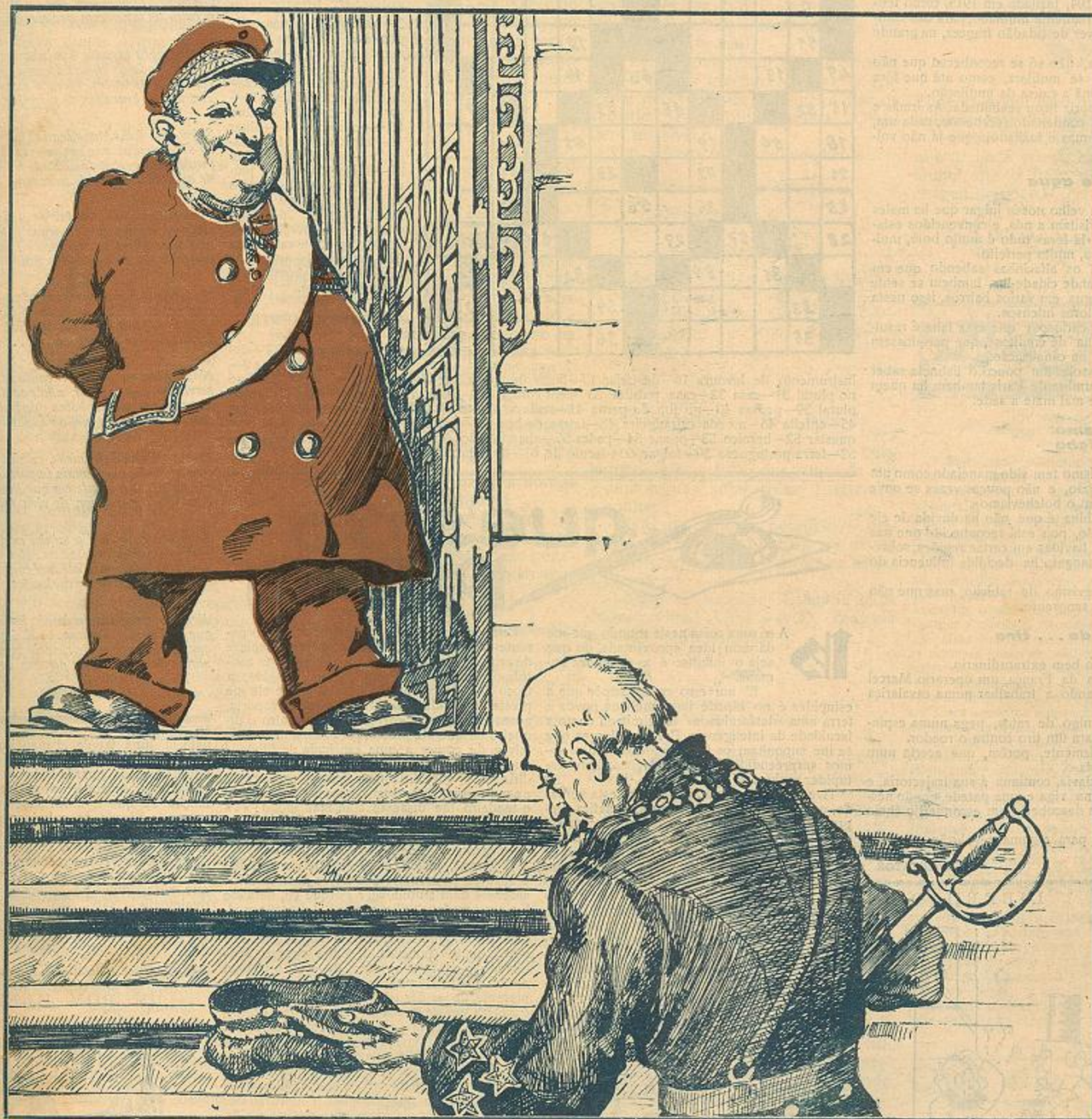
A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

NUMERO 24 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A inversão total das hierarquias!

(Um porteiro do Congresso ganha mais do que um general.)

(Dos jornaes)

—Senhor Porteiro, Vossa Excelencia que está *alto* talvez possa valer a um pobre general . . .

—Não posso . . . a *natureza tecnica* das minhas funções não me permite olhar tanto para *baixo* . . .

O DOMINGO ilustrado

ANO I N.º 24

LISBOA 28 DE JUNHO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA *O DOMINGO Ilustrado*

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: *LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA* — EDITOR *LEITÃO DE BARROS*—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 91

por todo o mundo

Um erro judiciario tragico

Na historia dos tribunaes não teem, infelizmente, sido raros os erros judiciarios, o que, porém, de forma alguma evita que sintamos sempre um calafrio de angustia a cada novo engano da justiça dos homens.

Não conhecemos, todavia, erro judiciario mais tragico do que o que ultimamente se provou nos tribunaes de Paris.

Trata-se do soldado Gousard, do regimento de infantaria 104, fuzilado em 1915, como tendo-se voluntariamente mutilado, para não cumprir o seu dever de cidadão francez, na grande guerra.

Pois agora, não só se reconheceu que não fôra ele que se mutilara, como até que fôra uma bala alemã a causa da mutilação.

A sua memoria ficou reabilitada. As irmãs e os irmãos do condenado receberam, cada um, 2000 francos; mas o fuzilado é que já não volta á vida...

A falta de agua

E' costume velho nosso julgar que ha males que só nos visitam a nós, e convencidos estamos de que «lá fóra» tudo é muito bom, muito progressivo, muito perfeito.

Pois ficam os alfacinhas sabendo que em Paris, na grande cidade-luz, tambem se sente a falta de agua em varios bairros, isso nesta quadra de calores intensos.

E o mais curioso é que essa falta é resultante de «falta de creditos», que permitissem uma reforma na canalisação.

Talvez console um pouco o lisboeta saber que na deslumbrante Paris tambem ha quem mal se lave e mal mate a sede.

Bolchevismo de rabicho

O bolchevismo tem sido manejado como um autentico papão, e não poucas vezes se ouve gritar: «lá vem o bolchevismo».

Pois na China é que não ha duvida de ele já ter chegado, pois está reconhecido que nas perturbações havidas em certas regiões, sobretudo em Shangai, ha decidida influencia do bolchevismo.

Um bolchevismo de rabicho, mas que não deixa de ser sangrento.

Um grande ... tiro

Eis um tiro bem extraordinario.

Numa vila da França, um operario Marcel Spinder, estando a trabalhar numa cavalariça vê um rato.

Como inimigo de ratos, pega numa espingarda e dispara um tiro contra o roedor.

Tão infelizmente, porêm, que acerta num cavalo, e mata-o.

A bala, todavia, continua a sua trajectoria, e atravessa uma viga e uma parede, pondo nessa ocasião a descoberto um esconderijo cheio de armas.

... Seria para alguma revolução em Portugal?

SPECTATOR

LIBERDADE!

—Pode sair, a sua pena acabou, está livre a sua mulher espera-o em baixo...

—Meu Deus! E chama o sr. a isso a minha liberdade...

palavras crusadas

O PASSA-TEMPO DA MODA

RELAÇÃO EXPLICATIVA

HORIZONTALMENTE

1—corpo quimico 2—no assucareiro 3—rio 4—ai 5—costuma 6—duas preposições 7—recusa 8—nome de homem 9—estragado 10—mais que talento 11—no fim da oração 12—instrumento musical 13—sus! 14—escritor celebre 15—pronome 16—olhar 17—letras de bar 18—veste 19—aguas 20—ruido 21—folgar 22—artigo plural 23—pedra 24—circulo de metal 25—vazia 26—tiras 27—enrte 28—abandonado 29—porção 30—dois artigos 31—ver escrito 32—repete 33—nome de mulher 34—elabóram 35—passaro 36—fio.

VERTICALMENTE

1—ponto cardeal 7—designação 8—solidifique 9—instrumento de lavoura 16—despejar 17—lugar de graça (no teatro) 19—maior 20—apelido no plural 31—casa 32—casa publica 33—sem coração 34—nota de musica 37—ui 38—artigo plural 39—pedras 40—no fim da perna 41—andava 42—traz! 43—anda de lado 44—perversa 45—enfeita 46—moeda estrangeira 48—letras de boa 49—apaixonada 50—ver escrito 51—requestar 52—heroico 53—puxar 54—pedra 55—abandonados 56—colocar 57—planta trepadeira 58—terra portuguesa 59—folgar 60—isento de 61—duas preposições 62—pronome.

questão prévia

Ha só uma coisa neste mundo que me dá uma idea aproximada do que seja o infinito: é a estupidez humana.

E' um erro crasso supôr que a estupidez é no bipede implume que povoa a terra uma «desfaculdade» tão limitada como a faculdade da inteligencia. Por mais largos que se lhe suponham os limites, todos os dias somos surpreendidos com revelações duma estupidez maior.

Tive ha dias ensejo de verificar esta verdade, que se me está figurando axiomatica. Regressando a casa, depois de ter ganho com um dia intenso de trabalho o meu direito a jantar, fiz parar o electrico que me conduzia e tratei de me apear, com outros passageiros. Eu era o ultimo da bicha dos apeantes e quando estava fechando a porta do carro eis que o guarda-freio, funcionario que a Companhia coloca na plataforma da frente para guardar todos os freios menos o da lingua, dá um safanão mal humorado ás manivelas e larga o carro em grande velocidade. Entre mim e o funcionario electrico travou-se então este dialogo memoravel:

—Então o sr. põe o carro em movimento, quando eu vou descer?—pergunto, atonito.

—E' que a gente «estemos» aqui mesmo para aturar as suas pachorras!—responde o homem, fulminando-me com dois olhos verdes de polvo, num carão moreno de bigodeira erriçada.

—Eu estava a fechar a porta, como a Companhia me pede e recomenda,—alego, para me justificar de não ter saltado sobre os ombros dos seis passageiros que se apearam antes de mim.

—E eu vou atrazado como o burro e não estou prra aturar as pachorras dos senhores!—repete o impaciente funcionario, furioso.—E se quer andar á sua vontade, na praça não faltam automoveis.

Chegou a minha vez de ficar estupido perante tanta estupidez. Pois quê? Esta especie de criatura humana, para cujo sustento eu contribuo diariamente com alguns escudos, a troco do serviço quasi automatico que ele me presta de conduzir o carro que me transporta, aconselha-me a ir dar a ganhar a outro o dinheiro de que ele precisa para se manter e dar, talvez, de comer a uma ranchada de filhos—que o Destino faça mais inteligentes!... O que diria eu, o que diriam os leitores se entrasse na mercearia, a comprar, suponhamos, arroz e o tendeiro lhe dissesse com mau modo: «Vá compra-lo ao meu vizinho da esquina»? Tal prova de estupidez deixar-nos-ia na duvida dum caso subito de alienação mental.

E porquê, justos ceus? Porque me remeteu o absurdo funcionario dos freios para os fôfos assentos dum automovel? Porque eu, para lhe lhe ser agradavel, não consenti em partir qualquer osso, saltando do carro em plena velocidade e infringindo numerosas disposições dos regulamentos policiais. E ainda porque, apanhando-o em falta aos seus deveres, o chamei ao seu cumprimento, em vez de lhe sorrir complacente, de lhe dar talvez uma palmadinha amigavel no ombro com um «estás co'uma pressa, meu cara direita», absolutamente camarada.

Como não transigi, como protestei, o homem (designação injusta que abrange homens, sub-homens e super-homens) fulminou a justiça que me assistia com a sua superioridade de guarda-freio que dispensa o concurso dos passageiros dos electricos para ganhar a vida, na convicção de que se todos nós, habitantes de Lisboa, lhe seguissemos o conselho e passassemos a andar de automovel ou a pé, a provida Companhia lhe continuaria a pagar o ordenado só pelo prazer de ter nas ruas um funcionario que nos atropelasse e nos multasse nas horas vagas dos atropelamentos.

* * *

Isto não é bem uma cronica, nem um desabafo. E' uma fabula, á maneira da do lobo e o cordeiro e que bem poderia ser em verso e intitular-se «O guarda-freio e o passageiro», rematando, á laia de moralidade, com a afirmação de que a unica crise que vamos atravessando, desde as culminancias sociais ás plataformas dos electricos, é a da inteligencia, esmagada, coitadinha, sob o peso formidavel da estupidez colectiva de seis milhões de orgulhosos cabeçudos—que aliás, individualmente, são em regra excelentes pessoas.

Má língua

CARTA A DYONISIA

(Santa rapariga que vive em Farminhão, e não é leiga em botar um remendo ou uma cantiga; e no mister de fabricar manteiga)

Dyonisia. *Minha amiga. Flor de Graça.*
Venho escrever-lhe coisas prazenteiras.
Descalço as bótas com que fui á caça.
E calço as luvas com que escrevo asneiras.

A penumbra invadiu a minha torre,
acinzentando as cinzas do meu «spleen».
Nas sallas e salões,—fóra o que escorre,—
Accendi os brandões de petroline.

Sobre esta folha, assetinada, hygienica,
as sardinheiras que me querem bem
pendem em gestos de attitude hellénica
de anafados boiões de Sacavem.

Venha, Dyonisia. Oh luz de olhos profundos
sinto-me errante por amargos trilhos,
pois nasci para ter mundos e fundos;
e preciso um pesponto nos fundilhos.

Sim. Nasci para andar em pleno Sol,
e só baixar á terra num Rolls-Royce.
O que mal teni para pagar o rol,
fará como eu:—pensa no rol, ... e roe-se.

Nasci para ter moiras encantadas,
servindo... por amor, não por dinheiro.
E tenho um par de botas apertadas
que ainda não paguei ao sapateiro.

Ora... Coisas prosaicas, minha amiga,
com que não quero mais importunal-a,
até ao grato instante em que lh'as diga
com todo o pormenor, de viva falla.

Se mostrar por ahi a minha carta,
e alguem me apimentar as intenções,
—pondo azedume e até maldade á farta
neste claro desfiar de confissões,

diga que eu gosto da ironia leve
que não pensa magoar... E diga, emfim,
que quanto vae neste rosario breve
parece de outro—e me pertence a mim.

TAÇO

UM BOM ELEMENTO

—Trago-lhe um actor de primeira ordem...
—O que é capaz de fazer?
—E' capaz de estar tres dias sem comer...

Crónica alegre

REBATE FALSO

UM dia D. Eugenia, (com aquela argucia peculiar a todas as mulheres femeas) teve uma ídeia inteiramente luminosa, e seu marido o Silveira passou a lêr o jornal todos os dias antes do almoço, e d'isso resultou a solução da primeira refeição caseira, solução que a Dona Eugenia ha muito procurava afim de resolver um bico que lhe aparecera na Arte de Bem Governar uma Casa só com vinte mil reis por dia.

O Silveira passou a almoçar raras vezes.

A's dez da manhã, Dona Eugenia em pessoa ia levar-lhe o jornal. Silveira lia, analisava como o que na vespera estava a cem, já estava a mil, estudava as rendas das casas com dois mil contos de trespasse, comparava os bons tempos dos dez reis de fava rica com o que agora lhe dizia o jornal: Ovos a 70 mil reis, galinhas a 300, couves a 55 tostões, etc., etc... e como acontecia perder sempre o apetite, D. Eugenia satisfeita com o ardil, recolhia de novo a comida á gaveta do trinchante de nogueira e dizia contente:

—Já tenho almoço para amanhã!

E no dia seguinte, como se repetia a scena, a comida passava para depois, e assim aconteceu que certa vez, andando dois ovos estrelados por tanto tempo na gaveta, Dona Eugenia ao pôr de manhã os ovos sobre a meza, constatou de em vez das duas sementes de galinha, na frigideira piavam dois engraçadissimos pintos amarelos!

* * *

N'aquela manhã D. Eugenia era a que menos se conformava com o caso. O jornal sem aparecer e ela que, já segura do efeito da sua ideia servia agora todas as manhãs ao marido um bife em louça das Caldas que ele invariavelmente afastava sem mesmo olhar:

—O' filhinha, não tenho vontade! Calcula que agora foi a greve dos Varredores Maritimos que rebentou! Onde vae isto parar! Sabes quanto custa agora uma pescada? Sessenta e oito mil reis e o comprador tem de apresentar certidão de vacina, atestado da junta de paroquia e declaração em como é revolucionario civil desde os doze anos!

—A manteiga parece que vae tambem para mais cara!—dizia Dona Eugenia procurando assim defender o café com leite que lhe vazava na chavena.

—Sim! Sim! Tambem diz o jornal! Onde isto vae parar! Calcula tu! Um quarto de galinha em segunda mão cinco mil reis! Nos meus tempos, um quarto independente, com porta para a escada, bem mobilado e com quantas galinhas nós lhe quizessemos meter lá dentro, não custava tanto!

* * *

—O' Quim! Tu mexeste no jornal concerteza!

—Não mexi não!

—Então onde demonio se meteu o jornal, que não aparece!? e Dona Eugenia remexia tudo porque, como já disse, o bife das Caldas não tinha substituto e sem ler o jornal era mais que possivel que o Silveira reunisse todas as suas faltas de apetite de ha dez anos para cá e proclamasse a restauração do funcianamento dos orgãos digestivos.

Mas o jornal não aparecia. Seria bruxedo? Nem debaixo dos moveis nem por cima do sobrado, nem nas gavetas, nada!

Tinha desaparecido como a honradez de certas pessos honestas.

E já Dona Eugenia deliberara ter uma sincope cardiaca para ver se distrahia o marido a fim de este não penssasee no almoço, quando o Quim apareceu a saltar com o jornal.

—Cá está ele! Cá está ele!

O Silveira desdobrou-o, e lentamente começou lendo o artigo de fundo que lhe fez uma certa sensação. Aconselhava o director da gazeta que toda a gente se precavesse contra o proximo inverno comprando um otimo gabão de Aveiro pelo preço de quatro mil e quinhentos.

—Chuchadeiras!—monologou o Silveira, e leu outro artigo onde se reclamava contra o facto de o governo gastar um conto de reis por mez com as obras do Manicomio de São Bento.

—No bairro do Arco do Cego, nem se fala!—epilogou o Silveira, passando a outra noticia.

De repente porem, os olhos brilharam-lhe como em vespera de loucura! E' que acabava de ler o seguinte, impresso a letras gordas:

Fatos—Calçado

Ninguem compre sem ver o formidavel saldo do barateiro do Intendente!

Sapatos a 1.500!

Fatos a 10.000 rs.!

Silveira tirou os oculos, limpou-os com todo o cuidado, e leu de novo porque a sua razão não acreditava.

Mas não era engano! Fatos a 10 mil reis!? e gritou com toda a força:

—O' Eugenia! O' Eugenia!

—Que é!—veio indagar Dona Eugenia que vendo-o muito palido, perguntou assustada:—Mas que tens tu!? Fala! Sentes-te mal!

—Lê! Lê!—só poude dizer o Silveira.

—Deve ser gracinha!—disse D. Eugenia depois de ler o anuncio, mas de repente, vendo outro:—Olha! Olha! Será possivel?!

E o Silveira leu comovidamente:

Armazem de Viveres

Alves & Martins

Preços

Azeite	400	*reis o litro*
Feijão branco . .	30	» » »
Feijão frade . . .	40	» » »
Macarrão	60	» » *kilo*
Manteiga	1.200	» » »
Assucar	240	» » »
Café	320	» » »

Brindes valiosos a todos os freguezes

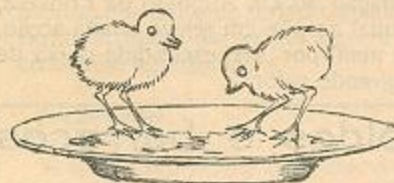
—Oh! disseram em dueto os conjugues—Mas isto é um sonho da mil e uma leguas submarinas! Estaremos a sonhar?

—Isto não será um pesadelo?—perguntou o Silveira—O' Eugenia dá-me um beliscão que eu concerteza estou a dormir!

—Não! E' verdade! Estamos acordados! Olha! Olha!—e D. Eugenia apontou outro anuncio:

Casa

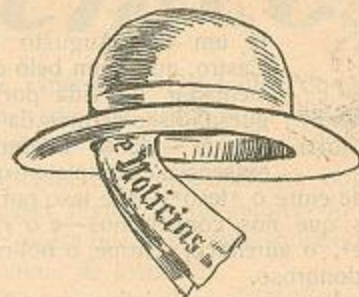
Com 7 divisões e quintal. Renda seis mil reis por mez. Aluga-se.

—Ai que eu endoideço, Eugenia! Dá-me um copo de agua porque se não, dou um estoiro que nem uma baleia!

Realmente o caso pelo imprevisto, era para fazer explosão em qualquer organismo bem constituido e, já Silveira se dispunha a ter de novo esperanças de não morrer de fome quando de repente os seus olhos leram na «ultima hora» o seguinte, impresso em caracteres do tamanho de tremoços:

Suas Magestades, regressam hoje da Figueira da Foz

Ouviu-se o baque de um corpo, um ai aguçado furando as paredes e a Dona Eugenia gritando aflicta por socorro.

* * *

Quando ao fim de duas horas o Silveira recuperou os sentidos, viu Dona Eugenia a seu lado que, corando convulsivamente, lhe dizia:

—Filho! Olha, foi engano! O jornal que tu lêste era de ha 15 anos! Foi o Quim que o tirou de dentro do teu chapeu de côco!

Henrique Roldão

«DE PORTUGAL A MACAU» por Sarmento de Beires.

O livro onde o major Sarmento de Beires descreve a sua heroica viagem aérea de Lisboa a Macau, marca um acontecimento notavel na biblografia portugueza contemporanea.

Esse livro de duzentas paginas é, muito simplesmente, uma bela pagina da Historia de Portugal, firmada pelo mesmo nome que nela viverá eternamente. O heroi dum grande feito de maravilha conta com a maxima verdade, tudo o que se passou desde a hora em que a Aventura o atrai até ao momento em que viu romper a alvorada vitoriosa. Sarmento de Beires—alma transparente de poeta onde floriram as mesmas rosas de mistico perfume que perturbaram a mocidade virgem de Nun'Alvares,—não esperou que se erguesse, num clarão de epopéa, uma voz digna de perpetuar a sua gloria. Com a mesma elegancia tranquila com que obriga o seu avião a tocar no solo, fez descer o seu sonho realisado até chegar ao alcance de tôdas as vistas, até aparecer a todos os olhos como qualquer cousa que andasse mais perto da terra do que do ceu... E, sem amesquinhar a sua auréola de vencedor, escreveu em duzentas paginas, de prosa quieta, um movimentado romance de aventuras, um romance á Julio Verne, actualisado, menos parecido com a verosimilhança, exactamente igual á verdade. Bem haja Sarmento de Beires, porque conseguiu viver o seu sonho, porque o viveu sem vaidade e porque se resolveu a sufocar o seu vôu de milagre entre as folhas dum livro que todos os portugueses vão ter preso entre as paredes duma estante!

A edição da obra de Sarmento de Beires é das que mais honram a secção de publicidade da Seara Nova, secção dirigida com superior proficiência pelo admiravel espirito artistico de Luis da Camara Reys.

Tereza LEITÃO DE BARROS

Sports

ECOS DA SEMANA

Sportsman e Trolhaman

Já um dia, Augusto de Castro, que é um belo comentador da vida portuguesa, disse algures da diferença — dessa diferença esssencial e completa—que existe entre o «teso»—este teso português que nós conhecemos—e o «valente», o autentico, o firme, o nobre e pundonoroso.

Nada mais caracteristicamente diferente.

O «valente» é um homem modesto, simples, cortez, humilde quasi, de bôas maneiras e gestos afaveis.

O «teso», pelo contrario, é o que se julga alguem e pretende impôr «respeito» fisico. E' o homem da fanfarronada, da má creação, do desrespeito pela liberdade alheia, da agressão insólita e impune.

Ora, justamente no «sport» marcam-se tambem duas categorias definidas e cheias de caracter: a primeira o «sportsman», o homem de puro ideal desportivo, para quem uma victoria ou um «record» interessa «pelo facto em si», e não pela politica banal do clubismo, para quem o «sport» por si é uma religião do belo—como o cristianismo uma religião do bom; o homem que faz «sport» pelo nobre prazer de fazer «sport».

A segunda, que se poderia chamar o «trolhaman» é o desordeiro maniaco do «sport». Este, está para o verdadeiro «sportsman» como um actor de valor está para um furioso dramatico.

Ora a semana finda foi fertil em acontecimentos senão «sportivos» pelo menos «trolhaportivos».

E' um «boxeur» que decide tentar pôr «knock-out» o nosso caro amigo Campos Junior; um «foot-baller» que agride um espectador em pleno triunfo do Portugal-Italia; dois jogadores que por seu livre arbitrio, arbitram a um árbitro uma sova arbitraria; alguns nadadores, que deixam a pingar um dos membros do jury das provas, ali para as bandas da Junqueira, e um cem numero de casos em que a «trolha» em acção, substitue por completo toda as discussões e todas as pragmaticas.

Não já na politica, não já nos costumes dos cidadãos e na conducta social, mas até no campo restricto do «sport» — esse gosto nacional da «tapona» invadiu tudo, subverteu tudo, arrasou tudo o que era disciplina, espirito desportivo, educação e cultura fisica na verdadeira acepção destes termos.

Os tristes sucessos do ultimo domingo, pondo em risco a vida de milhares de pessoas, entre elas creanças e senhoras, veiu dar mais actualidade ainda a estes comentarios. E' preciso, é absolutamente indispensavel que os verdadeiros «homens de sport» escorracem impiedosamente os desordeiros, os «furiosos» da «tapona» e da «trolha» que só empanam o brilho das nossas recentes e grandes victorias internacionais na esgrima, no hipismo e no foot-ball.

As penalidades aplicadas áqueles que não sabem respeitar um campo de sports atleticos, devem ser de forma a crearem exemplo e receio.

Daqui aplaudimos calorosamente todas as sanções que punirem os desacatos que se façam em nome de falsas dedicações desportivas e de ridiculas exibições pessoais de vaidade.

Ribeiro dos Reis e Dr. Augusto da Fonseca

Ribeiro dos Reis, a quem uma velha camaradagem escolar liga o director deste jornal, vai ter no S. Luiz uma justissima homenagem. Não porque ele a queira, mas porque a merece e porque a ela não pode fugir.

Ribeiro dos Reis é, nesta pobre terra de insofridas vaidades, uma alta figura moral no «sport». Esse nobre documento que é o seu ultimo artigo publicado no nosso presado colega «Sport de Lisboa», sobre o Portugal-Italia, bastava por si para afirmar a sua independencia e a sua categoria.

Parece-nos justo ligar nessa homenagem o medico Dr. Augusto da Fonseca. São inestimaveis os serviços prestados pelo habil clinico assistente dos nossos internacionais. A sua acção moral, falando, nas ultimas horas aos jogadores, com palavras cheias de inteligente fé, foi ao que nos dizem, notavel.

Daqui o saúdamos porque o triunfo do onze português pertence-lhe e a Ribeiro dos Reis, em grande e importante parte.

Na grande festa do Teatro S. Luiz, o distincto actor Samuel Dias lerá em nome de «O Domingo ilustrado» uma saúdação ao Dr. Augusto da Fonseca, na qual se põe em relevo a sua acção, que nem por ser escondida deixa de ter grande valor.

CAMPO PEQUENO

A morte da ultima fadista: a Julia florista. — Touros gordinhos. — Algabeno agrada muito a pé. — Uma bela tarde para Custodio Domigos.

ANTES de entrar em apreciações sobre o que foi a corrida de domingo, quero dar aos meus leitores a triste noticia, publicada apenas e laconicamente no «Diario de Lisboa», da morte repentina da Julia florista, a ultima cantadeira do nosso fado, aquela simpatica e bondosa rapariga que desde longos anos até á antepassada corrida desta epoca, transitou por todos os sectores, camarotes e fauteuils do Campo Pequeno, sobraçando o seu florido açafate, e que, durante as corridas e sem estorvar os espectadores que a estimavam, lançava punhados de flôres sobre os toureiros, quando estes executavam bons trabalhos, porque a Julia florista, além de grande entusiasta por touradas, era uma aficionada que «via» touros como poucos.

Essa popular e saudosa figura que inesperadamente acaba de desaparecer em condições quási ignoradas de toda a gente, pois que, a sua morte subita no Banco do Hospital de S. José, sem que ninguem ali a conhecesse, deu motivo a que o seu corpo seguisse tristemente abandonado para o cemiterio, era digna de uma extensa, honrosa e interessantissima biografia da sua vida boémia que a falta de espaço não me permite fazer.

Pobre Julia florista! Paz á sua alma!

. . . .

A corrida de domingo não foi das peores nem das melhores... Os touros sustentados a pão de ló e agua de Vidago, tinham que fatalmente satisfazer quanto em aparencia, não sucedendo outro tanto, á excepção de dois, em bravura, pelo que o «espada» se viu, não direi em calças pardas, mas em safões, para lidar os touros que lhe couberam.

O trabalho de Algabeño, a pé, na primeira parte da corrida, satisfez plenamente, tendo mesmo executado com o capote um trasteo magistral. No toureio a cavalo, fez mais que Sanchez Mejias, quási tanto como Cañero e menos que o mais inferior dos nossos cavaleiros. Esta é que é a verdade; monta muito bem, não ha duvida, e... meteu alguns ferros.

José Casimiro, na lide dos seus dois touros, teve apenas de notavel, um ferro curto e um comprido.

As honras da tarde, devem, com justiça, ser concedidas ao bandarilheiro Custodio Domingos, n'uma excelente gaiola, seguida de dois bons pares no ultimo touro.

Todos os piões, sem destinção, foram incansaveis em toda a corrida.

Os moços de forcados, um tanto desunidos e alguma cousa valentes, mostraram ser poucos no desempenho das suas funções.

A direcção da corrida a cargo do antigo amador Mario Duarte, não desagradou.

ZEPEDRO

Despedida de Simão da Veiga (pae)

Realisa-se hoje a festa artistica dos cavaleiros Veigas para despedida de Simão da Veiga (pai) tomando parte o distinto espada Facultades.

PROGRAMA

1.º touro—Simão da Veiga (pai)
2.º » —Alternativa de Muñoz Crespo
3.º » —Simão da Veiga (filho)
4.º » —Bandarilheiros
5.º » —Espada Facultades

INTERVALO

6.º touro—Simão da Veiga (pai)
7.º » — » » » (filho) a pé
8.º » —Bandarilheiros
9.º » —Simão da Veiga (filho)
10.º » —Bandarilheiros

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

O NOSSO CONCURSO DE FOOT-BALL

Dezenas de respostas chegam diariamente á nossa mão, dando varias opiniões sobre o primeiro jogador português de foot-ball. Ficará o premio nos «Leões»? Irá para O Belenenses? Caberá a sorte ao Grupo do Bemfica?

Eis o que só o publico, com os seus votos pode defenir. Eis o que só o entusiasmo dos «clubmen» pode marcar, não querendo deixar mal o seu agrupamento.

E' com efeito, nestes concursos, insuspeitos como o nosso, que se mede á popularidade dum jogador ou dum club.

Votae pois e enviar o selo junto.

Qual é o jogador de foot-ball mais correto, cujas atitudes mais assombram pela elegancia, pela linha, pela audacia?

Eleito:

Eleitor:

Cinemas, teatros e circos

A grandiosa festa de O DOMINGO ilustrado no MARIA VICTORIA

Com enorme concorrencia e entusiasmo realisou-se no alegre e popularissimo Teatro Maria Victoria, do Parque Mayer a segunda festa de O Domingo Ilustrado, dedicado á gentilissima e notavel actriz D. Laura Costa,

A DISTINTA ACTRIZ LAURA COSTA 1.º PRIMEIRO DE BELEZA

que obteve o primeiro premio de Beleza do nosso formidavel concurso teatral.

Foram recitadas por muitos artistas da brilhante companhia daquela casa de espectaculos bastantes dos votos em verso que neste jornal publicámos, tendo o distinto artista Carlos Leal recitado, com graciosissimo brilho, a poesia premiada, da autoria do notavel poeta que se encobre sobre o pseudonimo de João.

Daqui mais uma vez felicitamos a Sr.ª D. Laura Costa por esta consagração de tão acentuado cunho popular e que tanto valor teve por vir de admiradores anonimos e sinceros portanto—podendo ela de perto considerar-se como a mais bela artista que hoje pisa os palcos portugueses e cuja belesa mais de cinco centos de poetas celebraram nos melhores versos que puderam.

Fica pois assim encerrado o nosso formidavel concurso que tanto exito alcançou.

Brevemente lançaremos um outro destinado ao mais extraordinario exito tambem.

o momento teatral

Vai dirigir uma nova companhia de declamação o dramaturgo Sr. Alfredo Cortez. Sem sombra de lisonja nem de favor ha a esperar do auctor da «Zilda,» do «Lodo» e do «A' la fé» tres grandes peças do nosso teatro moderno, uma obra de direção, inteligente, sensata, culta e muito de apreciar num meio onde os empresarios da envergadura intelectual do sr. Alfredo Cortez não abundam.

Já quando secretariou durante anos a brilhante companhia Rei-Colaço, o sr. Alfredo Cortez manifestou raras aptidões para director duma grande casa de espectaculos, e num país onde se puzessem os homens nos seus lugares não estariam ainda desaproveitadas as faculdades brilhantes e invulgares, deste notavel escriptor e organisador de teatro.

Folgamos sinceramente com o aparecimento desta sua iniciativa porque com ela, de facto aparece no cáos que é o teatro portugues—aparte as duas organisações regulares do Politeama e de S. Carlos—um nucleo dramatico que nos merece inteira confiança e respeito.

noites de primeira

"A REVISTA ONDE A GENTE NEM POR ISSO SE ABORRECE". Folhetim colorido de André Brun, dividido em duas partes e dezoito capitulos.

Casa cheia e perfume a tinta fresca. As escadas meteram passadeira, objeto que obriga muita gente a descer novamente e ir ver de novo se é aquele realmente o Eden Teatro. Desapareceu o cheiro a desperdicio de gato e a restos de companhias falidas. A limpeza tem por vezes as suas vantagens, embora pouca gente abunde n'essa opinião.

Alves Coelho rege a orquestra e Alvar d'Almeida adormece. Maria de Lourdes faz uma Alegria muito rouca e o Santana desata a despejar mulheres com fatos para o palco.

Mutação. Um bailarino e respectiva madame enchem as cortinas e aparece D. Alice ensaiando as «Rosas de todo o ano e de todas as meninas filhas de atrizes, que se estreiam no teatro». A Tereza cheira mal da boca e Soares Correia espalha perdigotos. Mutação. O Santana despeja mais mulheres. Porta da Livraria Portugalia vendo a montra mais conhecida pelo «toilette das Senhoras». A Tereza vem num automovel quepara o ser a valer só lhe falta falar e o Santana despeja mais mulheres e desta vez tantas, que o palco já é pequeno e por isso teem que vir para a plateia. Outra mutação. Beco do lá vem um mas como é de noite veem dois. Mutação. A Maria de Lourdes continua rouca e a bailarina completamente á fresca, dança em francez. Mutação. Compendio de coreografia portugueza para uzo das discipulas. O Santana desata a despejar mulheres e scenario aparece o Bom Jesus do Monte, em noite de feriado, aplausos e Brun aparece de «smoking» e sem comenda, agradecendo.

Intervalo

A scena representa o jardim dos Albertos Estilisados, Soldados de pau, feitos de carne e osso. Maria de Lourdes está mais rouca com o ar do mar. Mutação. Cantiga da Rosita por Gambôa e efeitos de luz por falta de iluminação. Mutação. O Arco da Rua Augusta visto de um subterraneo. Ha fogo na Outra Banda mas ninguem se rala. Dá sinal a trombata castelhana e o Santana começa novamente a despejar mulheres ás mãos ambas. Cae o pano e uma compainha aviza que o espectaculo acabou. (E'sta medida representa uma inovação de apreço. Nos outros teatros a campainha é quando o espectaculo vae começar, no Eden é quando acaba. A ideia deve ser do Pirandelo, que é quem está a aguentar com as culpas de tudo). Muitas palmas ao Brun que traz o mesmo «smoking», aos scenografos que pintaram que se fartaram, ao Conceição Silva que quando fizer as contas até desmaia, e ao Castelo que vestiu as mulheres com gosto e ás pernas das ditas que veem perfeitamente núas e crúas.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

O ALGARISMO 8

Uma pagina estranha e impressionante, escrita sobre o suicidio dum tenente — um drama passional que interessou Lisboa inteira. Um caso de fatalismo misterioso cheio de curiosas revelações.

—HA casos que a nossa razão não póde explicar!—disse Jorge aconchegando-se mais no trem — Fatalismos, acasos, leis desconhecidas, o que vocês quizerem, mas que ninguem explica!

Na mórna atmosfera do trem, as frazes de Jorge vieram desfazer um tanto a nossa tristeza

—Por exemplo, este Julio Silveira que nós vamos acompanhando até á cova! Em todo este caso do suicidio, ha qualquer coisa extranha!

—Mas isso sabe-o toda a gente!—disse o Saldanha — O Julio deixou-se

Não sabem vocês porque se matou o tenente... A rapariga tinha um «flirt» com um pagador do «Mayer»...

enfeitiçar pela Maria Esperança e meteu uma bala na cabeça!

—E onde julgas tu que ele se suicidou?

—Em casa! Disse a mãe que no quarto de dormir, quando recolheu depois de jantar!

—Isso é o que diz a mãe!

—Então não é verdade?—perguntei porque, como todos os que acompanhavam o enterro, supunha que o Julio Silveira tinha estoirado os miolos em casa.

—Não! Pelo que vejo vocês desconhecem a historia!

—Então conta!

—Porque não! Como vocês sabem, o Julio era um nevropata. A menor coisa o irritava, nunca podia subjugar os nervos. Tinha manias e uma, a que me levou ha pouco a dizer que ha coisas extraordinarias que ninguem explica, era a dos numeros! O Julio contava tudo. Se ia pela rua, contava as pedras dos rebordos dos passeios, as montras, os conhecidos que via! Sabia de cór quantos degraus tinham as escadas que ordinariamente subia, quantas lampadas tinha o lustre da sala do «Maxim's», emfim, era um verdadeiro suplicio! Acresce ainda que havia numeros que o contrariavam. O oito era para ele um martirio. Aos dias oito, dezessete e vinte e seis, ninguem o podia aturar! Ele proprio confessava que o algarismo oito o irritava a tal ponto que temia enlouquecer com aquela mania!

--Mas a que proposito...

—Espera! Quando se ligou á Maria Esperança, certa tarde, confidenciou-me: —Agoiro mal desta ligação! Dormimos juntos a primeira vez no dia dezesete!—Chamei-lhe creança, ele sorriu mas ficou sempre aprehensivo, e, em boa verdade, creio que tinha razão!

—Mas a Maria Esperança gostava d'ele!

—Gostou, isto é, vocês sabem, estas mulheres não sabem de quem gostam. Entregam-se por curiosidade, por capricho, por mania de colecionar, nunca sabem porquê! Depois a Maria Esperança é uma mulher «cára!» Está habituada a uma vida facil, não lhe falta quem se arruine por ela e o Julio... pouco mais tinha que o seu soldo de tenente!

—Mas ainda foram amantes uns trez mezes!—disse o Saldanha, sacudindo pela janela do trem, a cinza do cigarro.

—E, pelo que ela me disse, gostava d'ele. O Julio é que, sem se vergar á evidencia dos factos, queria que a Maria Esperança fosse só d'ele e d'ahi...

—Sim, bem sei—continuou Jorge— O Julio contava-me tudo! As noites inteiras esperando que o outro saisse, as scenas constantes por causa de ciumes que ele não sabia dominar, a sua paixão cada vez mais cega, e aquele requinte de prazer em fazer mal que a Maria Esperança possue em elevado grau e que é o seu grande segredo de conquista. O Julio sofreu muito, acreditem! Ele que era, como vocês sabem, um caracter honesto, foi obrigado para que ela o não deixasse, a contemporisar com liberdades que torturavam a sua alma de sentimental! Ela sabia-lhe a paixão e muitas vezes o enganava, certa de que o amor d'ele tudo perdoaria! Um inferno!

—Mas dizias tu o Julio não se suicidou em sua casa?—perguntei,

—Não!

—Então onde?!

—Num trem! N'uma tipoia de praça!

—Essa agora?! Mas como?

—Oiçam. A ideia do suicidio já de ha muito germinava na cabeça do Julio. Ultimamente então, com a certeza de que a Maria Esperança já estava cançada d'ele, essa ideia radicou-se mais, avolumou! Passava horas infinitas de tortura por causa do despreso com que ela o tratava, uma amargura tremenda tomou-lhe a existencia! A Maria Esperança tinha-o dominado em absoluto—d'uma maneira horrivel! A mãe tentou afasta-lo da influencia d'aquela mulher, mas nada conseguiu! Os vinte e cinco anos de Julio eram o mais forte argumento para preferir tudo a deixar a Maria Esperança! Ha quinze dias, depois de uma scena violenta entre ambos, por causa de um «pagador» do «Mayer» com quem a Maria Esperança andava em «flirt», o Julio ameaçou-a de que a mataria e se mataria.

—E ela?

—Riu, como todas as mulheres habituadas a ouvir o mesmo a todos e creio, que o tratou como se ele fosse um imbecil, um parvo romantico embebedado por um beijo de mulher que todos cubiçam. Segundo me contou a Maria Esperança, quando ela ia definitivamente a acabar com tudo, ele chorou como uma creança, ajoelhou, emfim fez uma d'aquelas scenas que todos já fizemos com a primeira amante que nos deu volta á cabeça e quando ainda não tinhamos o suficiente juiso para vermos que não vale a pena.

—Não te percas em divagações e continua a historia do Julio!

—Depois d'esse conflito, durante dois dias, o Julio não me falou em nada. Extranhei-lhe o ar desalentado, a tristeza profunda, mas deu-me uma desculpa banal. Até que ha oito dias, combinou com a Maria Esperança irem jantar aos «Patos». Sahiram pelas duas horas, tomaram um trem e dirigiram-se para casa d'ela. Ao chegarem á porta, o Julio tomou uma das mãos da Maria Esperança e disse-lhe com os olhos cheios de lagrimas:—Perdôa! Mas só posso cumprir metade da promessa que te fiz!—e encostando uma pistola á fronte, puxou o gatilho.

—Oh!—disse o Saldanha—Então matou-se á porta d'ela?

—Dentro da tipoia! E' claro que ela ficou como que de pedra! Levou-o ao Posto da Misericordia mas o Julio já tinha morrido! Calculem agora vocês quando ela foi levar o cadaver a casa da mãe d'ele!

—Mas, meu caro Jorge—disse eu— Que tem tudo isso que ver com as tais coisas extranhas que ninguem explica?

—O Julio matou-se no dia vinte e seis, e sabes em que tipoia? N'esta em que vamos! Vê o numero!

Senti um arrepio nervoso e, instintivamente levantei-me. N'aquele logar tinha o Julio Silveira metido um tiro nos miolos por causa d'uma mulher!

—Vê o numero—tornou Jorge.

Olhei. Na chapa preta estava escrito o numero a caracteres brancos: 116.

—Vês? como se explica isto?

Felizmente tinhamos chegado ao cemiterio. Apeei-me nervosamente d'aquele trem que me agredia a sensibilidade e acompanhei o caixão do Julio Silveira á sepultura.

O coveiro poz sobre a terra fresca um letreiro que me fez calafrios... Era o 8888...

Já anoitecia e o coveiro batia com o olho da enxada nos torrões que apareciam á superficie do coval quando reparei no numero que um empregado do cemiterio espetava sobre a terra que cobria o caixão.

Tinha o numero 8888!

Para os nossos pobres

O consultante da nossa Secção de Grafologia «Pica Pau» teve a amabilidade de nos enviar a quantia de quatro escudos para os nossos pobres.

Tambem outro consultante da mesma secção o sr. F. A. S. nos enviou um escudo para o mesmo fim.

Em nome dos nossos protegidos, os nossos sinceros agradecimentos.

UM PÁRA-RAIOS

—Tu sabes qual é o melhor pára-raios?
—Não.
—E' a minha sogra, porque não ha raio que a parta!

(Do PIM PAM PUM do Porto)

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

O amôr dum homem de "sport"

Comece a lêr—e não pare até ao fim: Uma pagina onde se descreve um episodio de amor dum «foot-baller» muito conhecido nos altos meios desportivos. Um fio de admiravel sentimento e emoção perpassa na pitoresca narrativa.

CONHECI o Joaquim Augusto, aos doze anos. Brincava, com o rapazio da rua, numa tranquila travessa para os lados da Estrela, quando eu vim para Lisboa e fui habitar o primeiro andar sobre a pequena lojéca de sapateiro que o pae tinha então aberta.

Não raras vezes o homem descançava sobre a tripeça as ferramentas do oficio, e vinha, pé ante pé, até á rua dar um sopapo ao rapazote, por andar ali nas pedras a dar cabo do calçado—já na furia do pontapé á bola—esse pontapé que seria mais tarde a sua gloria e a sua honra, o orgulho até do

Eram uns olhos pretos, que por detraz da janéla da travessa nem sequer repararam nele

pobre velho que agora o castigava com tão sobejas e prudentes rasões economicas.

Ao voltar da escola, o Joaquim Augusto punha os livros em casa e vinha logo para a rua roer uma «bucha», e a bola, a bola eterna, de papel, de trapo, de madeira, de coiro, de borracha, de pedra, fosse de que fosse e fosse como fosse, chata ou cubica, dura ou mole—a bola emfim!—era a sua preocupação unica e absorvente. E era vê-lo então a organisar grupos e «equipes» a distribuir os «campos» no pequeno empedrado da travessa, e a jogar, apopletico e entusiasmado, até á noite, berrando e protestando a cada irregularidade, marcando penalidades, arbitrando e jogando, sendo publico e jogo, sendo alma, sendo elegancia, sendo valor, sendo espirito de «sport»!

* * *

Quantas vezes, ao cair socegado da tarde, me punha por dentro dos vidros a vê-lo jogar na rua. E quantas vezes observei o que havia já de tecnica, de intuição, de entusiasmo, na maneira como passava, como dirigia sob os pés ligeiros o miseravel farrapo a que chamava «bola».

Por isso, quando ha dias o vi entrar no grande Campo do Stadium, a este claro sol de Junho, sob o olhar de quinze mil pessoas e na gloriosa fila dos onze vermelhos, involuntariamente cerrei os olhos e evoquei, na tranquila travessa da Estrela, o Joaquim Augusto, de bibe de riscado, passando veloz o novelo de trapos sob os pés ligeiros...

* * *

E' tão intimo, tão doloroso, e ao mesmo tempo talvez tão vulgar este drama eterno do amôr que eu hesito em gastar esta folha do «Domingo» com o caso sentimental do Joaquim Augusto. Vejam se vão comigo atravez o que ha de pitoresco, de local, de lisboeta puro, neste romance que deu apenas algumas linhas e que por ser vivido e sincero, terá talvez o condão de interessar mais.

* * *

Frente á casa do Joaquim Augusto,—a mesma casa pobre da travessa—reside, ha longos anos já, uma discreta familia. E' o pae um antigo major que gosa com pacatez o magro soldo da reserva e o rendimento duns quintais fartos na terra; a mãe uma anónima senhora gorda; a filha uma palida menina de grandes olhos meigos, que toca piano longas horas na saleta, borda infatigavel bordados a branco dum eterno enxoval de sonho, e á tarde, quando a luz dourada apenas toca de oiro as chaminés dos predios, aparece á sacada, modesta e burguesa, pó-de-arroz e cheiro a sabonete, penteado de pastas, os olhos dôces lançados sobre a rua como duas amóras negras e brilhantes.

Joaquim Augusto móra em frente e é popular na rua. Não ha rapaz no bairro que o não conheça. E, desde o barbeiro que lhe rapa os queixos, ao alfaiate e ao marçano da tenda, todos têm para ele um sorriso amigo.

Pobre, tendo vindo do nada, o seu valor no «sport» grangeou-lhe a fama. Conheceu, como os talentos da arte, a gloria e o triunfo. Milhares de bocas o têm aclamado. Mais do que os politicos, tem um partido. Mais do que os artistas tem admiradores. Todas as victorias da vida as tem conhecido e quantos olhares de mulher o não tem já, nas suas tardes de gloria em pleno campo, envolvido de longe em misteriosa ternura...

* * *

Mas para essas tres figuras do primeiro andar da travessa, para a familia do major o Joaquim Augusto não é mais do que, e despresivelmente, «o rapaz da bola».

Alem das cortinas de renda da saleta onde os tais olhos negros bordam os bordados brancos—não chega e não passa o triunfo do Joaquim Augusto—«o filho do sapateiro».

Que importa que as mulheres o olhem, que milhares de homens o abracem e o festejem, que uma multidão o leve em triunfo aos ombros sob palmas de gloria—se a cortina de renda não se afasta sequer para o ver passar, e o seu coração—oh! o pobre coração dos homens!—está lá, sob o imaculado bordado branco que aquela pequenina agulha trespassa tranquilamente, na tranquila saleta da travessa...

* * *

O pae faz a poda das roseiras do quintal, a mãe cose as meias, a filha toca piano e no primeiro andar os dias passam.

Mas defronte, todas as tardes um rapaz se debruça para fixar os olhos negros que não reparam nele, e os seus triunfos, as suas glorias, esse «goal» que ergueu no ar uma multidão e fez gritar vinte mil bocas,—oh! como tudo daria por um olhar só, duns olhos que teimaram indiferentes, em nunca o ver...

* * *

E, no entanto, bem ao pé de si, bem perto do seu coração, a «Guida», uns olhos que os seus olhos nunca viram—passam tambem tardes suspensos e tristes sobre uma banal costura. Em casa do velho sapateiro, a vida é monotona.

O pae vae remendando uns concertos na pequena oficina. A mãe trata da cosinha e a Guida, uma sobrinha orfã que a compaixão recolheu em casa, costura e trata dos trabalhos mais leves.

O melhor compartimento é o quarto de Joaquim Augusto. Dá sobre a rua e é arranjado com o carinho de Guida. E' ela, quem em voz alta, á noite, lê e relê aos velhos as noticias dos jornais que falam nele. E, antes de deitar-se, emquanto o Joaquim anda por fóra, vai-lhe abrir a cama fresca, deixar-lhe sobre a banquinha a agua para de noite, e pôe-lhe sobre a mesa um «mimo» para cear.

São amigos—e a Guida é, dentre todos da casa, aquela que tem sempre para as suas victorias um desvanecido orgulho e para as suas desilusões o mesmo amigo e consolador sorriso.

* * *

Ha muito que a Guida o queria ir ver jogar. Mas é sempre tão longe, e ao domingo...

Ele já lhe tinha dito: Vae, no dia em que fores has-de-me dar sorte...

Até que calhou a um dia de semana. Ele chegou da Malveira, encharcou o quarto todo com lavagens, poz roupa nova, foi ao barbeiro, e veio a correr dar um beijo á mãe antes de ir jogar.

A Guida, á tarde, sosinha, foi comprar um bilhete. Disse em casa que ia ver uma amiga ao hospital, mas deu a volta á Avenida e, a pé, debaixo de sol, foi para o Stadium. Entre o povoleu imenso, amachucaram-na e pisaram-na, antes que, emfim, pudesse entrar. Mas ás cinco horas, perdida entre milhares de homens, sobre as guardas do campo, ela poude vê-lo, entrar triunfal...

E, como se a força misteriosa dos seus olhos o atraissem, ele olhou, e dentre tantas mil cabeças, viu-a, e sorriu-lhe de longe com uma grande alegria espantada.

* * *

No intervalo do primeiro tempo, o publico, louco, entusiasmado, ergueu-o

Os rapazes levaram-no em triunfo sob palmas de gloria...

ao ar, em triunfo. De pé, o Presidente da Republica, o governo todo, ovacionavam os jogadores. As senhoras debruçaram-se, florindo mais com as cores garridas a multidão negra—que era agora como um grande mar revolto onde havia a espuma festiva dos lenços brancos a acenar...

. . . .

E, quando houve um momento de calma, ele chegou ao pé de Guida e apertou-lhe as mãos.

Fixou pela primeira vez os seus finos olhos azues onde havia lagrimas, e mentalmente uma nuvem lhe correu sobre certa janela uma cortina espessa.

Então, apertando-lhe mais as mãos, os olhos muito brilhantes e a pele em fogo, disse-lhe:

—Foste tu, foste tu que me fizeste vencer! Não faltes mais, Guida!

Decifrações do numero passado:

Enigma: Rio
Charadas em frase: Verboso—Galião.

CHARADA EM VERSO

Ao distinto colega «Africano»

Quando obtive a victoria, 2
Num concurso original,
Minha prima, de danada,
Fez um banzé infernal.

Ao rumor da gritaria 3
Meu tio assoma ao postigo.
Mal o vi, puz-me a tremer,
Com medo d'algum castigo.

REI FERA

CHARADAS EM FRASE

Esta planta, diz a mulher que é uma especie de althea. 2-2.

AFRICANO

Quem tira o que tapa, destapa. 2-2.

NIÑGUEM

ENIGMA CARTEADO

A B C

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redacção.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias pós a saida dos respectivos numeros.

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 22

	Brancas	Pretas
1	11-15	20-11
2	14-17	21-14
3	19-23	27-18
4	13-17	22-13
6	15-22-29-(D)	31-22
6	29-18-9-2-20	

Ganha.

PROBLEMA N.º 23

Pretas 2 D 5 p.

Brancas 7 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 21 os srs.: Antonio Nené Junior, Artur Santos, José Brandão, Leopoldo Sacramento, Um aprendiz (Fa-Mi), outro aprendiz (Foz do Douro) e José Magno (Algés), que nos enviou o problema hoje publicado.

—

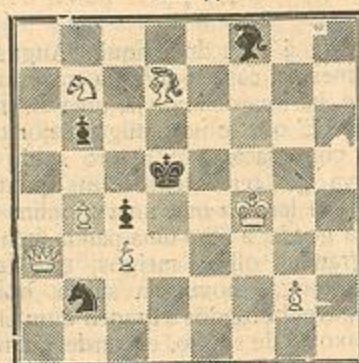
Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», *secção do jogo de «Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 23

Por A. Ferreira da Silva (Lisboa)

Pretas (5)

Brancas (7)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

—

Temos a satisfação de publicar hoje um problema português e fazemos votos para que o autor, continuando a trabalhar, se torne um compositor notavel.

Solução do Problema n.º 21

1 D 3 R

No dia 15 de Junho corrente recebeu na Universidade de Coimbra o grau de doutor *Honoris causa* o sabio professor espanhol D. Leonardo Torres Quevedo engenheiro emiuente e um dos mais extraordinarios inventores modernos.

Uma das suas invenções é a de um automato jogador de xadrês, que dispondo do Rei e da Torre Branca dá sempre cheque mate ao Rei Preto.

O medico

PENSE NOS SEUS DENTES!

Tem talvez uma dentição fraca? São, tem concerteza os seus dentes sujeitos á carie. Então pense a tempo na sua boca, na certeza de que da saude dele depende em absoluto a vida do resto do seu organismo.

Em primeiro lugar lave os dentes. E não se sonha o sem numero de pessoas que os não lavam... Use sempre uma escova rija—só ela lhe tirará o tártaro, o terrivel flagelo dos dentes. Não tenho medo de fazer sangue. Uma massagem na gengiva só lhes é favoravel.

Quanto ao emprego de pós e de pastas é dificil recomendar alguma coisa, pois todos são mais ou menos productos comerciais mal preparados.

Lembro-lhes uma—passe o reclame—com que me tenho dado excelentemente e que é de facto preparada com escrúpulo segundo verifiquei pela analise que pessoalmente lhe fiz! Odoutinol.

Pense agora nos seus dentes—porque tarde ou cedo, pensará um dia.

CINEMAS

OS FILMS DA SEMANA

Sombras que passam—Um dos melhores films da casa «Albatrós». Ivam Mousjoukine, o russo prodigioso, que foi o redentor da cinegrafia francesa, tem neste film um trabalho genial, completo, definitivo, que acredita como o maior de todos os artistas que jamais teem pousado ante a objectiva. Decors e mise-en-scene simplesmente notaveis. Argumento bom. Natalia Lissenko, George Vaultier e Henry Krauss, muito bem.

Lavinia Morland:—Um bom film alemão, de belo e veemente argumento e interpretado por Mia May que se mostra a grande altura. Albert Steinruck, antipatico a preceito.

Outros films:—Continua a vergonha do «Relicario do toureiro» e o crime de «Venus de Bronze», a dançar um écran branco.

Tambem a «Dama de Monsoreau» continua a demonstrar como, ante as belezas incontestaveis do cinema *ancien-régime* de alguns cinematografistas franceses, naturalmente os de *Vandal e Delac* os grandes detractores dos russos que trabalham em França. Uma massada.

ÉCRAN

Folhetim do «Domingo Ilustrado» N.º 3

CAPITULO II

OS PRIMEIROS PASSOS

É claro que cá fóra dizia a toda a gente que era artista, mas lá dentro!

A alegria que senti quando pela primeira vez enfiei o capacete e peguei na lança! Como eu me mirei e remirei ao espelho! Lembro-me que quem me ajudou a pintar foi a Maria Santos!

Na primeira noite que entrei em scena, toda eu fremia e, a lança parecia-me pesada que nem uma montanha!

Nessa noite não tirei a pintura para mostrar cá fóra que pertencia ao teatro e quando sahi para ir para casa, apanhei uma carga de agua que cheguei a casa toda encharcada e com o carmim dos labios posto na barriga das pernas!

No dia seguinte pela manhã, o meu primeiro cuidado foi contar ás minhas companheiras como era um teatro por dentro, o que se fazia e o que não se fazia, como as actrizes se vestiam, etc. etc.

A' noite voltei de novo para o papel de figurante. O camarim que ficava ao lado d'aquele onde eu com mais algumas *colegas* me vestia, era o camar,m da atriz Lucinda Simões. Dei por isso por causa d'um certo fenomeno auditivo que se manifestava de quando em quando atravez do tabique divisorio e que bastante me incomodava.

Ora aconteceu que á terceira noite, dei fé que o Pedro Cabral não me largava a porta do camarim, recomendando-me o esbatido do carmim, a postura da lança, o levantamento da cauda, etc.

Dizia-me ele que eu tinha grandes qualidades para vir a ser uma grande atriz, o que eu acreditava piamente.

Outro que tambem não perdia ocasião de me incitar á vida dramatica era o José Ricardo que fazia o *compere* e que em scena, não tirava os olhos de mim.

Certa noite, depois do espetaculo, como chovesse bastante, o Alberto Ghira ofereceu-se para me acompanhar a casa. Aceitei, e no caminho fui com ele ás iscas da rua do Arsenal.

Como o meu ordenado era bastante anemico, naquele tempo, devo confessar que a minha alimentação não era uma coisa por ahi além, de sorte que me atirei ás iscas com a mesma coragem com que o Ghira se estava afirando a mim.

Na altura da conta, ia sendo o diabo.

O Ghira, como de costume não tinha mais dinheiro que quatrocentos e oitenta, a conta era de seiscentos e vinte e se não fosse a providencial aparição do Alvaro Lima, a coisa tinha sido falada. Lá conseguiu pagar a conta e foram os dois acompanhar-me a casa, o Ghira dizendo que tinha um cão em casa á espera dos ossos e o Alvaro afirmando que era critico e que se eu quizesse me publicava o retrato no jornal afirmando que eu era muito homenagenea.

A minha vida de figurante corria serena, quando foi preciso pôr outra peça em scena e o Pedro Cabral para me ser agradavel me distribui o papel de contra-figura da *Princeza Côr de Laranja*.

Quem fazia a princeza era a Albertina de Oliveira mas como era preciso ir pendurada no bico duma cegonha, e a Albertina tinha medo de cair, o meu papel era substitui-la na ascenção.

Ganhei por esse serviço mais um pataco.

A peça caiu e eu, cedendo a repetidas instancias do João Silva caí-lhe nos braços, sendo esse o meu primeiro matrimonio teatral.

Dahi a quinze dias, o teatro fechou por ausencia de publico e eu fui viver com o João Silva para um quarto da rua da Barroca, onde passei a maior quantidade de fome que jamais estomago humano tem aguentado, sem falar nas cargas de pancada que o João Silva me administrava todas as manhãs para, dizia ele, me abrir o apetite afim de eu comer mais facilmente a fome que me devorava.

Aó cabo de tres meses vi um anuncio num jornal em que se pediam coristas para um teatro da Feira. Fui oferecer-me e depois da identificação da minha plastica, aceitaram-me sem reservas.

Fiz um figurão no côro das *Cadeiras de verga* e no grupo dos *Pinceis* multaram-me tres ou quatro vezes por faltas á scena e no fim do mez não me pagaram, o que me fez dar de mão ao João Silva e ligar ao Artur Rodrigues que, melhor rapaz e mais franco, queria por fôrça exibir-me como jejuadora para o que me foi treinando não me dando de comer.

Estive apenas quinze dias sem trabalho. Apoz eles, entrei para uma companhia que ia para a provincia sob a direcção do actor Eduardo Raposo que me tomou como actriz para ir fazer pequenos papeis. Datam de então as mais interessantes fazes da minha vida teatral.

(Continúa)

pagina feminina

Carta de Paris

AS ULTIMAS NOVIDADES EM MODAS

APESAR d'uma primavera que foi das mais caprichosas, Paris tomou em fim o seu aspecto de grande estação, com as suas magnificas arvores verdejantes, os seus jardins abundantemente floridos, as suas arterias animadas e ruidosas taes como os Campos Elyseos, a rua da Paz, nas quaes se acotovela uma multidão enorme vinda de todos os pontos do mundo para admirar todas as novidades artisticas nas exposições, tão numerosas n'esta epoca.

As mulheres que se encontram parecem mais lindas, mais elegantes. O ligeiro vestido primaveril é pretexto melhor para finas «coquetteries» do que os pesados vestidos escuros dos mezes d'inverno. Depois, tambem, as reu-

niões da tarde ou da noite são mais numerosas e em algumas, que tiveram logar no principio da estação, travaram-se autenticos torneios de elegancia muito parisiense, derradeiras manifestações da vida mundana, antes do êxodo para as praias cheias de sol da costa normanda ou preta.

De tarde, as elegantes continuam a usar os «ensembles», não já as três ou quatro peças dos ultimos estios—esta moda parece ter acabado—mas um vestido, um casaco que, sem ser do mesmo tecido, se harmonisam no tom, no genero. E' uma moda pratica e encantadora, cuje talvez muito maior atenção e cuidados para a combinação dos vestidos e casacos entre si, mas depois o resultado é na verdade muito elegante, muito «moda» e pois que apresenta por vezes grandes dificuldades, não tem, por isso mesmo, maior valor? Os chapeus seguem esta nova lei e, sem que se exija um apropriado a cada um dos vestidos a usar, é preciso, no entanto, escolhe-lo por forma que não destoe da nota dominante do «ensemble».

Uma combinação muito feliz, creada por um das grandes modistas, é aquela que faz harmonisar o chapeu com a «écharpe». E' lindo isso, mas durará?

No dominio, variado até ao infinito, dos chapeus, encontram-se muitas ideias interessantes, mas pessoaes.

Em toda a parte muito feltro, levantado, amolgado, arranjado em todos os sentidos, muito pouco guarnecido—mas sempre com fita, todavia. Geralmente, uma roseta ou um laço de fita plissada, no tom, é a unica fantasia permitida a estes chapeus, que não deveriam acompanhar senão e exclusivamente a «toilete» natural.

Vêm-se de tarde muitos «toques», turbantes largamente levantados adeante. Alguns, em fita, adornam-se apenas com um lindo alfinete de joalheria, picado á frente.

E' muito raro que a fita não venha, senão fazer inteiramente, ao menos guarnecer os nossos chapeus elegantes. Empregada muito simplesmente ou trabalhada de mil maneiras engenhosas e lindas, ela continua a ser a fantasia muito á moda.

Sobre os grandes «capelines» de crina que se vêm nos casacos das grandes senhoras da moda parisiense, a fita de veludo forma, a maior parte das vezes, toda a guarnição. Engravatando a capa, ela recae, depois, em longos panos ligeiros que virão flutuar sobre os vaporosos vestidos de mousselina ou de organdina, com os quaes devem dizer. O pano muito comprido, será lançado sobre o ombro, depois de ter envolvido o pescoço. Isto sobretudo para as raparigas magras, cujos ombros um pouco frageis ficarão bem com este ornamento suplementar.

O CLIMA DE PORTUGAL E A BELEZA

Não ha clima peor para a beleza das senhoras do que este do nosso paiz, apezar de todos os louvores dos poetas. Extremamente inconstante, variado constantemente da manhã para a tarde e da tarde para a noite, é preciso imenso cuidado com ele quando se queira ter uma cu'is perfeita, sem os defeitos que tão vulgarmente se notam na pele do rosto das senhoras portuguesas. Por isso, não nos cansaremos de repetir que todas as senhoras devem ter o cuidado de aplicar todas as manhãs, no rosto, o «Créme Balsamico Maria», isto como primeira precaução contra as variações constantes da temperatura, pois tanto mal faz á pele o calor excessivo como o frio, como o vento, como o ar forte. Não devem saír á rua sem terem feito isso, pelo menos. As senhoras que têm muita oleosidade no rosto, como sucede vulgarmente ás muitos morenas, devem preferir para esse efeito, em vez de crémes, sejam eles quaes forem, a «Agua Nupcial», que faz o mesmo efeito sem produzir o resultado dos crémes. Desconfiem, sobretudo, da amiga que indica como precioso um créme qualquer com nome estrangeiro, sobretudo de Paris. E' esse um erro vulgar em que caem as senhoras portuguesas, as quaes não vêm que os crémes francezes ou inglezes são preparados para as oiras, as quaes tem uma pele que precisa de cuidados inteiramente diversos da das morenas. Consultem sobre isso a «Perfumaria da Moda», Rua do Carmo, 5, e 7.

CELIMÉNE

Secção de grafologia

o caracter revelado pela caligrafia

RESPOSTAS A CONSULTAS

VIVIANA. — Ordem e economia. Reserva absoluta. Vaidade intima bem dissimulada. Fraze oportuna. Ironia. Bom gosto. Tendencias para a melancolia.

DIOGENES. — Procura, não um homem como o filosofo, mas sim melhorar de qualquer maneira, a vida que passa. Ataques perigosos de pessimismo. Idialismo. Boa memoria e gostos artisticos. Egoismo inconfessado. Falador, amigo da discussão.

Maria de Lourdes.—O manuscrito que enviou é muito pequeno para se poder analisar capazmente. No entanto, deve tratar-se duma pessoa hipocrita, de inteligencia aguda, bem equilibrada, de espirito deligente e minucioso.

MARIA YOLANDA.—Caracter que se deixa influenciar facilmente. Suave e simples. Nada de egoismo. Temperamento romantico. Otimismo. Reservada. Bom gosto e economia. Aceio. Pouco mentirosa. Espera ingenuamente a chegada de alguem que a compreenda.

BENEDITA. — Administra-se bem mas não se rala muito. Diplomacia. Bôa alimentação. Murmura das vidas alheias. Inteligencia preguiçosa. Irrascivel. Habilidade manual. Egoismo. Grande confiança em si propria.

UM QUALQUER. — Generosidade. Vaidade. Gostava de viver bem. Inteligencia clara mas preguiçosa. Ideias independentes. Vivacidade. Temperamento apaixonado.

CARLOS FAUSTO. — Originalidade. Intensões intelectuais. Ordem... desordenada. Sentido do táto muito desenvolvido. Lealdade. Desiquilibrio nervoso.

LUCIANO.—Demasiada confiança em si proprio. Tenaz e agressivo. Ideias penosas não demonstradas... porque entende que não vale a pena.

PEROLA DO ORIENTE.—Exaltação. Idialismo. Gosto estetico. Inteligencia para as sciencias. Nervos indomaveis. Original no trato. Impaciencia e tendencias pessimistas. Forte sensualidade.

RODA BICUDA.—Caracter constante e voluntarioso. Amor á discussão. Generosidade. Sentimento artistico. Nervos dominados a custo. Sentimento poetico. Inteligencia clara. Vaidade intima. Boa memoria muito cultivada. Sensualmente cerebral.

FERNANDA DE CASTRO. — Tendencias para a melancolia. Trato suave e agradavel. Nervos frouxos de facil influencia. Espirito de maternidade muito desenvolvido. Lealdade. Ideias sádias.

RADAMÉS.—Espirito tenaz e constante. Intima vaidade não demonstrada. Rezervado. Pouca fé nas amizades. Aceio moral. Bom gosto e boa saude. Deve ter bôa voz e é muito sensual.

GERMANO.—Espirito vivo e exaltado. Tem prodigalidades de que se arrepende. Inteligente e apaixonado. Discute bem e aprende tudo quanto quere. Antipatico á primeira vista mas querido de quem o conhece bem. Leal. Gostos esteticos. Nascido mil anos antes, teria sido apostolo.

VIOLETA.—O papel pautado não serve para analises grafologicas. Queira V. Ex.a mandar qualquer coisa escrita em papel sem linhas.

SEJO LEVANTE.—Ordem e aceio. Paciente e estudioso. Habilidade manual. Um pouco poeta e economico. Comunicativo e generoso. Inteligencia apertada.

VIOLETA BRANCA.—Tanto os envelopes como os postaes não se prestam a uma analise sincera. Geralmente, apura-se a caligrafia quando se escreve qualquer das duas coisas.

JOHENGAR. — Pouca vontade. Generosidade calculada. Honesto, amigo do lar e da familia. Nervos de facil vibração. Afavel. Economico sem ridiculo.

BERTA MACIEIRA. — Espirito bondoso, de quando em quando sente uma má vontade contra os outros. Contemporisação. Esquece-se facilmente de tudo Ideias independentes. Trato mudavel. Desordem. Facilmente se zanga. Mundanismo. Doença nervosa.

KRLOS.—Ideias largas. Temperamento violento mas de bons sentimentos. Um tanto de poesia. Vaidade sem exagero. Lê muito e come bem. Ordem e generosidade. Boa memoria.

MARIO REIS.—Trato afavel. Bom gosto e originalidade. Simples nas predilecções e rapidas decisões. Nervos vigorosos e sensuaes. Proteje um amigo sempre que pode. Otimismo e força de vontade.

MASENHAS. — Vaidade e hipocrisia. Frases com ironias prefurantes. Economia exagerada mas querendo mostrar o contrario. Amor aos divertimentos, principalmente á dança. Grande imaginação. Ordem e reserva absoluta. Nem otimismo nem pessimismo.

MIMI.—Caracter influenciavel e brando. Habitos elegantes e habilidade manual. Sensualidade requintada. Amor á literatura e aos belos quadros. Religiosa e idialista.

L. F. F. M.—Orgulho sem vaidade. Reserva e lealdade. Facil esquecimento das coisas. Constante e dedicado. Gostos simples e trato afavel. Caracter contemporisador mas sem deixar a sua opinião. Sensualmente cerebral. Comunicativo.

P. J. F.—Impulsivo e inteligente. Não é prodigo mas não poupa. Ordem desordenada. Não é rezervado. E' valente e otimista. Fino entendimento das coisas. Querendo, seria diplomata.

GAVINCHO.—Ordenado e ajuizado. Vontade firme com rajadas de impaciencia. Bom gosto e amor á familia. E' expansivo mas sabe guardar um segredo. Gosta de bolos e de creanças. Habilidade manual.

ANDREN SHARPPER. — Caracter impulsivo e valente. Nervos fortes mas bem dominados. Reserva e economia. Um pouco pessimista. Meditação. Muito sensual.

A RICH LORD.—Diplomacia e mundanismo. Intuição. Reserva e cinismo. Ordem e boa memoria. Assimilação intelectual. Não discute. Gosta de todas as mulheres.

JOSÉ ERRANTE (Coimbra). — Vontade ferrea. Gosta das frazes rendilhadas, facilidade de palavra. Caracter apaixonado e fortemente sensual. Idialismo. Espirito artista mas destrambelhado. Lealdade.

F. P. B.—Inteligencia clara e de facil assimilação. Temperamento fortemente nervoso. Alto conceito de si proprio. Ideias individuaes. Boa memoria. Cultura do passado. Ordem e bom gosto. Otimismo. Palavra facil.

EU, SOU . . . EU.—Espirito de contradição e boa força de vontade. Reserva absoluta. Amor á vida faustuosa. Em arte, prefere o exotico. Orgulho sem vaidade. Ideias muito independentes e nervos fortes mas bem dominados.

MAVETSE (?). — Intuição ao Idialismo. Ideias proprias e simples. Inteligencia clara mas preguiçosa. Justo nas apreciações e severo consigo proprio. Economia sem ridiculo. Vida simples mas confortavel.

LAURA MACHADO ALVES.—Ordenada e cuidadosa. Intuitiva e conselheira. Nervos calmos e faculdades para as matematicas. Otimismo. Constante e aperfeiçoada. Bom gosto e boa saude.

A DAMA ERRANTE

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para — A DAMA ERRANTE.

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Actualidades gráficas

NO CINEMA

REGINE DUMIEN, o pequeno prodigio francês, estrela das producções «Ch. Burguet» e protagonista da série d'arte «A Canção da Orfã».

NO SPORT

RIBEIRO DOS REIS, o notavel «sportman» que selecionou a «equipe» que trouxe a primeira victoria internacional a Portugal no «foot-ball» e a quem se fará uma homenagem no Teatro S. Luiz.

NO CINEMA

REGINE BOUET, formosa artista francesa, interprete da série d'arte «A Canção da Orfã», a estrear em breve no Cinema Condes.

O NOSSO CONCURSO DE «FOOT-BALL»

JORGE VIEIRA, o famoso «az» foot-balistico que tem obtido por emquanto no nosso concurso de foot-ball, as maiores votações. É seu competidor, Francisco Vieira. Qual dos dois vencerá?

A NOVA ESTAÇÃO TELEFONICA DA TRINDADE

A Anglo-Portuguese Telefone Campany, acaba de inaugurar a sua nova estação da Trindade, que ficou luxuosamente instalada e que é um indiscutivel melhoramento para a capital, e um progresso para os seus serviços, já hoje modelares.

UM BENEMERITO

ALEXANDRE FERREIRA, ilustre vereador a quem a cidade está devendo uma formidavel obra de filantropia, na protecção á infancia desvalida. Brevemente nos ocuparemos das suas grandes iniciativas e planos para a proxima época balnear.

NO TEATRO

ESTER LEÃO, a notavel actriz que após uma larga ausencia dos palcos lisboetas, reaparece na proxima abertura do Teatro Avenida, na nova companhia de declamação, na peça «Amoreuse».

NO TEATRO

ANDRÉ BRUN, um dos primeiros comediografos e humorista português que acaba de fazer representar com enorme exito no teatro Eden, «A cidade onde a gente se aborrece».

PUBLICIDADE

T. N. Walter Bayard e outras; revolvers de diversas marcas. Espingardas Belgas, Inglezas e Alemãs dos melhores fabricantes. Munições e acessorios. Sortido colossal.

CASA A. M. SILVA

Rua da Betesga, 67
Rua dos Correeiros, 235, 237 e 239
Telefone 4178 N.
Desconto para revenda.
ENVIA-SE Á COBRANÇA PELO CORREIO.

DR. ANTONIO DE MENEZES
Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

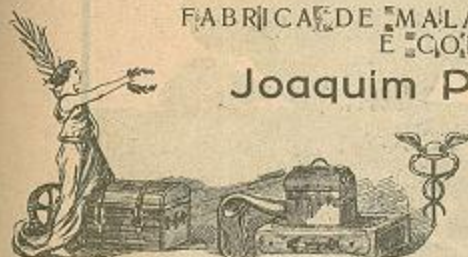
ORTHOPEDIA

Rachitismo—Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos
ÁS 3 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º - LISBOA
TELEF. N.º 908

GRANDE RESTAURANT
— DO —
Solar Alegria
ABERTO TODA A NOITE
SERVIÇO ESMERADO
56, Praça da Alegria, 56
LISBOA

FABRICA DE MALAS, ARTIGOS DE VIAGEM E CORREARIA, DE

Joaquim Pereira Monteiro

11, PRAÇA JOSÉ FONTANA, 11-A
45, AVENIDA CASAL RIBEIRO, 47
Nesta casa fabricam-se toda a qualidade de malas, carteiras e bolsas para senhora.
Visitem os meus estabelecimentos
TELEFONE NORTE 5347

SOBRETUDOS DA MODA; CAPAS Á ALEMTEJANA : CASACOS : : DE ALPACA :
CASA DAS TESOURAS

METE-SE PELOS OLHOS A VANTAGEM DE COMPRAR
Fatos feitos
CAPAS Á ALEMTEJANA
SOBRETUDOS DA MODA
NA CASA DAS TESOURAS
51-51A RUA DA ESCOLA POLITECNICA 53-55
PERES & ABRANTES SUC.

FATOS FEITOS PARA HOMEM PARA RAPAZES FATOS DE KAKI CALÇAS FEITAS
R. Escola Politécnica 51, 51 A, 53, 55

BREVEMENTE A

A Novela do DOMINGO

MOBILIAS MAPLES

CARPETTES AOS MELHORES PREÇOS!
DO MELHOR FABRICO!

ARMAZENS OLAIO
36, RUA DA ATALAIA, 40
LISBOA

O A B C-ZINHO É O UNICO JORNAL DAS CREANÇAS PORTUGUESAS.

OS APARELHOS FOTOGRAFICOS
"CONTESSA NETTEL"
CONTINUAM A BATER O RECORD DA PERFEIÇÃO.

GARCEZ, L.da
Rua Garrett, 88
TRABALHOS PARA AMADORES

Coelho Duarte, L.da

CASA ESPECIALISTA EM LUNETAS, OCULOS, BINOCULOS E LORGNONS
Rua da Prata, 138 e 140
LISBOA

O DOMINGO ILUSTRADO
Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.
FILIAIS NAS COLONIAS:
AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.
INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).
CHINA: — Macau.
TIMOR: — Dilly.
FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

(Reconstituição esboçada por uma testemunha que levou uma pranchada...)

Sports... atleticos!

No desafio do "foot-ball" do passado domingo a força armada mimoseou o publico com coronhadas e tiros — afim de manter em desordem alguns milhares de pacatas pessôas. Senhoras e creanças ficaram maltratadas e alguns feridos foram curar ao hospital as «recordações» da guarda e da policia.